

ARTE E MOVIMENTO NEGRO NA AMAZÔNIA PARAENSE: O COLETIVO ILUSTRA PRETICE COMO LUGAR DE RESISTÊNCIA POLÍTICA, SAÚDE MENTAL E CRIATIVIDADE NEGRA

*Emerson Silva Caldas¹
Fernanda Pessoa Monteiro²*

Resumo: O trabalho em questão busca elucidar a movimentação de jovens artistas negras/os paraenses do Coletivo Ilustra Pretice PA, com o intuito de ressaltar e compreender como se dão as movimentações dessas/es artistas na cidade de Belém e região metropolitana, a partir de suas estratégias de resistência, sobrevivência, cuidado e criatividade artística e organizativa. Para tanto, tem como base teórica, prática e analítica uma abordagem multidisciplinar a partir das epistemologias negras da diáspora negra-africana com as contribuições de intelectuais negras/os de distintos campos de conhecimento, sobretudo as Ciências Sociais, Antropologia, Artes Visuais, Filosofia e Psicologia. É a partir desta confluência de conhecimentos, experiências, teorias e práticas que este texto foi tomando forma, com o intuito de deixar registrado através da escrita o movimento de jovens negras/os do Coletivo Ilustra Pretice em Belém do Pará, considerando a sua resistência, criatividade, potencialidade, denúncia e enfrentamento ao racismo presente no Sistema de Arte em Belém do Pará.

Palavras-chave: Artistas negras/os. Amazônia paraense. Racismo. Saúde mental. Artes Visuais.

ART AND BLACK MOVEMENT IN THE AMAZON OF PARÁ: COLETIVO ILUSTRA PRETICE AS A PLACE OF POLITICAL RESISTANCE, CREATIVITY AND BLACK MENTAL HEALTH

Abstract: *The work in question seeks to elucidate the movement of young black artists from Pará from Coletivo Ilustra Pretice PA, with the aim of highlighting and understanding how these artists move around in the city of Belém and the metropolitan region, based on their strategies of resistance, survival, care and artistic and organizational creativity. To this end, it has as a theoretical, practical and analytical basis a multidisciplinary approach based on the black epistemologies of the black-African diaspora with the contributions of black intellectuals from different fields of knowledge, especially Social Sciences, Anthropology, Visual Arts, Philosophy and Psychology. It is*

¹ Universidade Federal do Pará, PPGArtes. Mestrando em Artes, Cientista Social. E-mail: emersoncaldas72@gmail.com

² Universidade Federal do Pará, PPGPS. Mestranda em Psicologia, Psicóloga. E-mail: fernandapmonteiro2@gmail.com

from this confluence of knowledge, experiences, theories and practices that this text took shape, with the aim of recording, through writing, the movement of young black women from the Coletivo Ilustra Pretice in Belém do Pará, considering their resistance, creativity, potential, denunciation and confrontation of racism present in the Art System in Belém do Pará.

Keywords: *Black artists. Pará Amazon. Racism. Mental Health. Visual arts.*

ARTE E MOVIMENTO NEGRO NA AMAZÔNIA PARAENSE: O COLETIVO ILUSTRA PRETICE COMO LUGAR DE RESISTÊNCIA POLÍTICA, SAÚDE MENTAL E CRIATIVIDADE NEGRA

Abrindo caminhos

O trabalho em questão se dá por meio da análise das produções, movimentações e articulações de artistas do Coletivo Ilustra Pretice, um coletivo organizado e composto por pessoas negras que, partindo de seus olhares, buscam a valorização das produções da negritude, trocando afetos, saberes, estratégias e tecendo teias de resistência. Construindo um outro espelho para se ver, quebram o espelho pálido que segue afundando a população negra em diáspora: no coletivo o espelho “É preto com bordas marrons e douradas. Folheadas do ouro e do bronze que cobre toda pele negra” (Monteiro, 2019).

Além disso, este artigo reúne as reflexões e pesquisas realizadas por Emerson Caldas (2022) em seu Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade do Estado do Pará, no curso de Ciências Sociais, cujo título é “Kuumba e artevivência de artistas negros e negras: um estudo afrocentrado a partir do Coletivo Ilustra Pretice/PA”, assim como o Trabalho de Conclusão de Curso de Fernanda Monteiro (2022) no curso de Psicologia da Universidade Federal do Pará, com o título “‘Ainda bem que a gente tem a gente’: a participação no coletivo Ilustra Pretice-Pa como estratégia de saúde mental para artistas negros/as”.

O Coletivo Ilustra Pretice está localizado no Estado do Pará e suas articulações ocorrem em Belém e na área metropolitana, possuindo também integrantes de outras cidades do estado: Marabá, Ourém e Castanhal. Suas ações se dão por meio de encontros para produção de arte, fortalecimento de laços e afetos em grupo, assim como a garantia de renda através das vendas de trabalho nas feiras de exposição e pelas redes sociais.

Desta forma, com o intuito de ressaltar e compreender como se dão as movimentações dessas/es artistas na cidade de Belém e região metropolitana, a pesquisa em questão têm como base teórica, prática e analítica uma abordagem multidisciplinar, a partir das epistemologias negras da diáspora negra-africana, através de intelectuais negros/os de distintos campos de conhecimento, sobretudo as Ciências Sociais, Antropologia, Artes Visuais, Filosofia e Psicologia. É partindo destas confluências de conhecimentos, experiências, teorias e práticas que este texto foi sendo costurado.

Tudo isso com o intuito de deixar registrado através da escrita o movimento de jovens negras/os do Coletivo Ilustra Pretice em Belém do Pará, considerando a sua resistência, criatividade, potencialidade, denúncia e enfrentamento ao racismo presente no Sistema de Arte em Belém do Pará.

No sentido da estrutura e organização do artigo, após este breve apanhado geral “Abrindo caminhos”, seguimos para a sessão “O surgimento do Coletivo Ilustra Pretice PA”, na qual são abordadas questões referentes às motivações para o surgimento do coletivo. Apresentamos em seguida as sessões “Como é ser uma pessoa artista negra?” e “Marcas psicológicas e emocionais do racismo na trajetória de artistas negros/as”, nas quais são realizadas as investigações que relacionam ser artista negra/o, o racismo e seus efeitos psicológicos, chegando na sessão “As artes e as movimentações de artistas negras/os”, que aborda os aspectos políticos e revolucionários da produção artística negra, até a finalização nas “Considerações finais”.

O surgimento do Coletivo Ilustra Pretice

O Coletivo Ilustra Pretice PA surgiu em 2018 a partir das inquietações de artistas negras/os de múltiplas linguagens, como uma forma de construir um espaço no qual os seus integrantes se sentissem à vontade para expressarem com liberdade suas produções artísticas, considerando o fato do racismo e acúmulo de situações negativas sofridas por artistas negras/os em outros espaços no Sistema da Arte em Belém do Pará, onde se sentiam frequentemente expelidos e invisibilizados pelas dinâmicas racistas do funcionamento destes espaços.

Neste sentido, Tainá Barral (2019), ao tratar de outras movimentações culturais protagonizadas pela juventude negra em Belém, alerta para o fato de o cenário cultural da cidade ser permeado pela disputa de poder, no qual apenas um pequeno grupo que se impõe como hegemônico se considera no direito de usufruir de cultura, arte e lazer. A autora considera que:

[...] nós afrodescendentes e descendentes de indígenas, tanto como produtores e consumidores/público, estamos redesenhando e moldando com nossas vivências os espaços para ter experiências de lazer que mais se assemelham conosco e que geram sentimento de pertencimento a um movimento e de afirmação de identidades negras gerando um ciclo cada vez mais forte para que cada vez mais essa concepção de lazer seja compreendida como importante pela sociedade, visto que lazer também é saúde e saúde para a juventude negra (Barral, 2019, n.p.).

É neste sentido de construir outras possibilidades e oportunidades para jovens negras/os atuarem enquanto protagonistas no campo artístico e cultural de Belém que as primeiras movimentações do coletivo começaram a se moldar. Sendo assim, na constituição do Coletivo Ilustra Pretice, e após uma conversa entre alguns integrantes do grupo surgiu a ideia da criação de uma *hashtag*³ na rede social *Instagram*⁴ chamada #IlustraPreticePA⁵. Desta maneira, o coletivo começou a criar conexões com outros integrantes que passaram a publicar seus trabalhos nesta rede social utilizando a *hashtag*. Este fenômeno de articulações de jovens negras/os⁶ nas redes sociais é descrito por Roshani:

As tecnologias digitais fornecem um meio para expressão jovem e um meio de organização e transformação, especialmente no contexto de identidades racializadas e anti-racismo. Através da gestão e participação em plataformas de mídia, empreendedorismo digital e treinamento jornalístico, os jovens afrodescendentes estão cada vez mais engajados em formas inovadoras e criativas manifestando sua agência digital antirracismo para expressar quem são e reafirmar sua agência no espaço e na sociedade [...] (Roshani, 2020, p. 51).

Após essa primeira mobilização utilizando as tecnologias digitais houve a ideia de marcar o primeiro encontro do Coletivo Ilustra Pretice PA, que foi realizado no Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (CEDENPA) no dia 20 de janeiro de 2019, com o objetivo de ser um espaço confortável para desenhar, conhecer o trabalho um do outro e defender as pautas de uma pessoa negra artista, além de fomentar a conexão e incentivo entre os artistas. No encontro em questão,

³ As *hashtags* são comandos que procuram agrupar imagens e assuntos de um determinado tema nas redes sociais, auxiliando no acompanhamento e disseminação de pautas e discussões (Piza, 2012)

⁴ O Instagram é uma rede social de compartilhamento de imagens e vídeos que pode ser utilizado através de smartphones. Os criadores do aplicativo buscavam inicialmente resgatar a nostalgia instantânea presentes em câmeras polaroids (Piza, 2012)

⁵ Atualmente, no período de escrita deste trabalho a *hashtag* #IlustraPreticePA conta com mais de 1000 publicações de artistas negras/os do coletivo.

⁶ Niousha Roshani (2020) faz um apanhado sobre alguns exemplos da presença do ativismo digital protagonizados pela juventude negra no Brasil e na Colômbia, ela cita as seguintes organizações: GatoMÍDIA (BR), Observatório (BR), Voz da Comunidade (BR), Instituto Mídia Étnica (BR), Vale do Dendê (BR), Desabafo Social (BR), BlackRocks (SP), PretaLab (SP), Medios Alternativo de Jóvenes del Distrito de Aguablanca - MEJODA (CO), TIKAL Producciones (CO), Bámbara (CO) Andando (CO), Domibdó (CO), Observatorio Distrital Antidiscriminación Racial - ODAR (CO). É interessante notar que ao mapear as organizações de ativismo digital no Brasil, a autora apresenta alguns exemplos que estão restritos aos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. No sentido de ampliação e afirmação da existência do ativismo digital protagonizado pela juventude negra presentes na região Norte do país, neste caso em Belém e área Metropolitana, podemos citar as ações do Cine Club TF, AfroMap, Negritar Produções, Palco Negro Autoral, dentre outros exemplos que demonstram a existência da presença do ativismo digital no Pará, vale destacar que essas organizações não estão restritas somente a atuarem no campo da internet, suas articulações vão além do mundo digital, promovendo encontros, debates, rodas de conversas, festivais e produções audiovisuais.

estiveram presentes aproximadamente 15 artistas negras/os, que iniciaram ou reafirmaram relações a partir de tal momento (Figura 1).

Figura 1 - Cartaz do Primeiro encontro do Ilustra Pretice PA.



Fonte: Arquivo do Coletivo Ilustra Pretice PA. Autor: Coletivo Ilustra Pretice PA.

Este primeiro encontro foi marcante e significativo para o coletivo, pois qual compartilharam suas experiências e inquietações sobre serem artistas negros, assim como o fortalecimento através da afetividade por estarem juntos. O Coletivo Ilustra Pretice faz parte do circuito de movimentações de negras e negros, fazendo parcerias com outros grupos e organizações, como é o caso da roda de conversa proposta pelo coletivo e que ocorreu dentro do Circuito Saravá: Arte e Ancestralidade, em um debate com o tema “A arte está realmente de portas abertas para pessoas negras?”⁷ (Figura 2).

⁷ Na chamada realizada para o evento, por meio da rede social Facebook, a artista Gabriela Monteiro escreveu: “A cultura negra tá em alta? Mas e o preto? O mercado da arte tá realmente de portas abertas pra nos receber? Quantas vezes já nos negaram espaços que deveriam ser de todos? Quantas vezes já demos com a cara na porta? Ou melhor, com a porta na nossa cara [...] Se as portas não abrem a gente constrói a nossa própria e entra.

Figura 2 - Cartaz da Roda de Conversa/Grito Coletivo "A arte está realmente de portas abertas para pessoas negras?"



Fonte: Arquivo do Coletivo Ilustra Pretice PA. Autor: Coletivo Ilustra Pretice PA.

Com o decorrer dos encontros, surgiu a ideia de fazer uma exposição para que o coletivo expandisse seus objetivos, para além de fazer os encontros para desenhar, se inspirar e através disso se fortalecer, também buscasse produzir algo maior. O resultado foi a ideia de uma feirinha com a exposição e venda das obras de artistas do grupo. Vale ressaltar a importância da criação de espaços e organizações de apoio protagonizadas por pessoas negras para se apoiarem, tendo em vista um sistema de arte que:

[...] legítima (ou não) quais obras são relevantes, quais obras podem ou devem ser expostas como comercializáveis, quais biografias agregam valor às obras, etc. Nesse "etc." incluímos o poder de exibição dessas obras e as escritas que serão produzidas a partir delas. Quais artistas e conseqüentemente quais obras permanecem para a posteridade e representam parte de um conjunto de valores de um período histórico (Santos, 2019, p. 343).

Existe uma desvalorização da arte e da cultura no país de modo geral, no caso de artistas negros e negras, ainda há o fato do racismo e de as oportunidades no meio artístico serem escassas. Santos (2019) aborda em seu trabalho o apagamento das produções de Artes Visuais de pessoas negras, apontando que há uma ausência destes trabalhos nos registros históricos, livros e no ensino

das artes; tudo isso cria lacunas, visto que muitos desses artistas estão discutindo a sociedade por meio da criação artística.

Considerando a animalização, brutalização e desumanização do povo negro, quando são atribuídos uma série de estereótipos racistas, há artistas negros que utilizam suas produções como "prática da libertação negra - reflexão e ação, ação e reflexão - em todos os níveis e instantes da existência humana" (Nascimento, 1978, p. 180). É interessante notar o que Abdias Nascimento aponta justamente como uma das questões importantes a serem debatidas no que diz respeito à produção artística negra e sua extensão pluralista: ele nos fala sobre trabalhos que estão comprometidos com essa libertação em uma perspectiva ampla de tudo que afeta a existência humana, sendo assim a reflexão do autor não restringe as possibilidades de questões, técnicas e poéticas das produções de artes feitas por corpos de pessoas negras.

Celso Prudente (2002), em seu estudo antropológico sobre a produção artística negra, nos diz que o artista negro é um construtor de passados de moradas oníricas, permitindo assim que viva em um presente idealizado que o satisfaça como ser humano. Pensando nesse aspecto da idealização da vida através da obra de arte, é importante pensar como essa idealização pode auxiliar na criação e nas movimentações de pessoas negras que lidam diariamente com a violência do racismo na sociedade.

O autor analisou as produções de artistas negros que constroem novas narrativas imagéticas para a população negra, pois "A arte negra tem sido uma tentativa de formar significados para construção de um cosmos no qual negro e suas relações existenciais possam ser vistas como belas" (Prudente, 2002, p. 115). Para Prudente (2002), a produção artística negra é uma possibilidade de reconstrução histórica, cultural, social e política do povo preto, que tem como uma de suas marcas a resistência cultural que "permite um desdobramento poético que se expressa na materialidade idílica e tenta dessacralizar a ideologia de inferioridade racial" (Prudente, 2002, p. 116). Com relação às questões expostas uma das integrantes do Coletivo Ilustra Pretice ressalta:

Mas a arte ela vai justamente nisso, é no que tu tem por dentro, no que tu sente, nas tuas emoções e aí quando a gente trabalha com arte, com a ilustração, com o desenho e poesia a gente vai de encontro com isso, a gente quebra regras, se dizem que a gente não tem sensibilidade [...] (Gabriela Monteiro, informação verbal, jun. 2019).⁸

⁸ Entrevista concedida por MONTEIRO, Gabriela. Entrevista. [jun. 2019]. Entrevistador: Emerson Caldas. Ananindeua, 2019. Arquivo. mp3. (60 min.).

As afirmações desta artista negra denunciam a construção do ideário sobreposto aos negros e negras. É neste sentido que os estudos de Melo apontam que

Desde muito cedo no que hoje chamamos de Brasil a ideia de povo negro foi relacionada a inferioridade e pobreza, primeiro com a escravidão, depois com a abolição mal planejada e para alguns, inacabada, hoje nos seus reflexos e reconfiguração das senzalas e navios negreiros para cárceres e modelos atualizados de pelourinho. De maneira que tacitamente a sociedade vai acreditando na incapacidade dos negros e negras na produção de conhecimento, seja este ciência ou arte, sensibilidade ou intelecto, afetividade sem vulgarização, cidadania e humanidade (Melo, 2016, p. 51).

Se entender como um ser sensível, capaz de produzir e inspirar os outros a refletirem através dessas artes, é uma forma pela qual o coletivo de artistas negros e negras paraenses constrói a emancipação da negritude em um manifesto de humanização através da arte, afetando os integrantes do coletivo e todos e todas que entram em contato com as suas obras, que possuem uma diversidade de traços, técnicas e poéticas. Através das ilustrações, são perceptíveis os traços e representações de pessoas negras em diversas formas de existências, suas produções que abordam temas como extermínio e saúde mental da população negra, vivências e cultura *pop* e temáticas variadas presentes no mundo circundante.

Em uma tentativa de não impor a representação de corpos negros ao lugar do exótico e dos estereótipos, pelo contrário, se busca a naturalização do povo negro retratado de múltiplas perspectivas. Vale destacar essas variadas formas de expressões e questões abordadas por estes artistas em seus trabalhos. Sobre a questão dessas múltiplas narrativas, um dos idealizadores do grupo reflete a partir de suas vivências e processos de criações de seus trabalhos enquanto um artista negro:

Passar por essa mudança de começar a representar corpos negros no que eu faço, apesar de eu não tá só falando de racismo, isso meio que puxa as pessoas, faz elas olharem pro que eu faço e pensarem “ele é o artista negro que fala de racismo”. Isso mudou muito a forma que me veem no sentido de que, elas sabem que eu não tô só fazendo por fazer, da mesma forma que fazia antes. Mas ao mesmo tempo pegam o que faço e colocam nesse lugar do artista negro que fala de racismo e não sai desse tema. Eu falo de várias outras questões e subjetividades, mas representando corpos negros nessas outras questões. Eu tô falando sobre o mundo, mas da perspectiva de uma pessoa negra e é isso. Existe muito esse vício, tanto na visão das pessoas, quanto no mundo da arte que acaba te puxando pra esse lugar, se tu é uma pessoa negra, tu não vai ser chamado, pra algum projeto ou exposição, pra falar de N questões, tu vai ser chamado, caso tu queira falar de

racismo, caso tu queira falar de negritude, é o que mais vão te lembrar, caso tu trabalhe dessa forma (Rodrigo Leão, entrevista, set. 2019).⁹

Vislumbrando outros moldes sociais à população negra, o Ilustra Pretice é a criação de um espaço para artistas negros e negras construírem novas perspectivas e narrativas. Se o meio artístico branco e racista não abre espaço, esses artistas criaram a sua própria cena artística com a força das organizações negras ancestrais.

O acolhimento e a troca de experiências promovidos pelo coletivo possibilitam a criação de conexões significativas que transcendem o elemento político de organização social. Os participantes demonstraram aspectos de suas vivências como a dificuldade de acesso a espaços de artes, desvalorização e invisibilização, mas apontam o coletivo como espaço de acolhimento. O Coletivo Ilustra Pretice é um ambiente facilitador para o enfrentamento de demandas advindas do racismo que permeiam a experiência de ser artista negro. Durante as reuniões, os participantes encontram um espaço de respiro, onde têm a liberdade para transitar e expressar suas narrativas artísticas, com apoio uns dos outros.

Tais elementos apontados como constituintes da participação no coletivo são semelhantes ao encontrado em um estudo que aborda espaços sociais autodenominados quilombos urbanos (Batista, 2019). Apoiada pelo conceito de quilombismo de Abdias Nascimento (2019), quilombagem de Clóvis Moura e de contribuições da temática feita por Beatriz Nascimento, foram estudados o “Quilombo Urbano Terça Afro” e “Quilombo Urbano Aparelha Luiza”, dois espaços sociais e políticos localizados no estado de São Paulo identificados como ambientes de liberdade cultural, apoio, organização social, debate político e resgate da memória referente à cultura e à identidade afrobrasileira. Ademais, a autora Paula Batista (2019) compreende que a organização social produzida e construída por estes espaços sociais tem impacto positivo direta e indiretamente na vida das pessoas negras envolvidas, por isso é feito o resgate simbólico do termo quilombo.

Em suas pesquisas historiográficas, Beatriz Nascimento (2018) estudou a resignificação do termo quilombo ao longo do tempo, e fez importantes contribuições ao compreendê-lo não como movimento reativo de fuga de escravos fugitivos, mas sim como organização social, política e cultural feita por pessoas negras. A autora evidencia a importância de observar o processo

⁹ Entrevista concedida por LEÃO, Rodrigo. Entrevista. [set. 2019]. Entrevistador: Emerson Caldas. Belém, 2019. arquivo. (49 min).

organizativo dos quilombos para além do conflito e combates, e apresenta o conceito de “Paz Quilombola” para evidenciar um momento em que se mantém a organização, produção e desenvolvimento de relações sociais dentro da própria comunidade, sem o caráter de conflito (Nascimento, 2018).

A potência desta juventude negra se faz presente, por exemplo, no texto elaborado por uma das artistas do grupo para uma exposição do Coletivo Ilustra Pretice:

O espelho que me vejo é preto. É preto com bordas, marrons e douradas. Folheadas do ouro e do bronze que cobre toda pele negra. Não é esse espelho com moldura pálida e frágil que nos foi apresentado desde criança. Pequenos em frente à TV nos sentamos para assistir os reflexos esbranquiçados dos que tentavam destruir nossa autoestima. Falharam! Nos reconstruímos, nos agarramos em toda referência preta que refletia resistência. Hoje adultos, somos fruto deles, respiramos e somos nosso próprio espelho. Estamos construindo um futuro em que se enxerga não será mais luxo e sim regra. E os espelhos que nossos filhos verão também será preto (Monteiro, 2019, on-line).

Quais reflexos são esses que resplandecem sobre as pessoas negras desde tão cedo? Que reflexos são esses que as alienam e adoecem? Que espelhos são esses refletindo apenas uma forma de ser, mesmo em mundo repleto de multiplicidades de existências? Quais espelhos os jovens negros artistas do Coletivo Ilustra Pretice estão construindo?

A escrita poética da artista Gabriela Monteiro (2019) nos revela a condição que crianças e jovens negros e negras estão submetidas através da falta ou da decadente representação nos grandes meios de comunicação, filmes, séries e desenhos que impõem o ser negro ao lugar do ridículo, exótico, hipersexualizado e subalterno. Para bell hooks (2022), as imagens presentes na mídia branca racista, favorecem e espelham a estética da supremacia branca nas mentes das crianças negras, apresentando personagens brancos como protagonistas, heroicos, salvadores e intelectuais. Tudo isso faz com que crianças negras passem a considerar a pele negra como indesejável, pois “as imagens que veem ensinam a odiar a si mesmas e diminuem a possibilidade de criar uma autoestima saudável” (hooks, 2022, p. 236).

Como é ser uma pessoa negra artista?

São destacados aspectos individuais e coletivos considerados como constituintes da experiência de ser um artista negro em Belém do Pará. Os membros do coletivo mencionam

situações em que são constantemente desvalorizados, excluídos de espaços artísticos e têm suas narrativas artísticas estereotipadas.

Visto que artistas negros fazem parte de uma estrutura social racista, a dificuldade de acesso relatada pelos membros do coletivo, assim como a ausência de uma quantidade significativa de artistas negros/as nesses espaços de arte (Santos, 2016), reafirmam que tal dinâmica de poder também é reproduzida no campo artístico.

Dito isso, há aspectos que diferenciam a experiência de artistas negros e brancos, observados por falas dos membros do coletivo como a de Gabriel: “a gente tem que acertar, a gente é obrigado a acertar, a gente é obrigado a fazer melhor e obrigado a fazer perfeito”. A característica mencionada pelo participante ao indicar que as artistas negras precisam fazer perfeito, sem que lhes seja dada a possibilidade de errar, pode ser observada em outro contexto a partir dos estudos em saúde mental.

Na obra “Torna-se Negro” (2021), Neuza Santos Sousa identifica que a identidade de pessoas negras é construída a partir de um processo social marcado pela diferença, em que o local de referência é ocupado pelo branco. Nessa dinâmica, ao negro é reafirmado, assimilado e reproduzido um lugar de subalternidade e inferioridade em diferentes campos sociais, inevitavelmente alcançando a esfera psíquica.

Nesse caso, na tentativa de alcançar um ideal cruelmente inalcançável, o de ocupar o que social e simbolicamente é destinado aos brancos, pessoas negras estão sujeitas a desenvolver estratégias de sobrevivência como a de “ser o melhor”, percebida na fala de Gabriel e refletidas no trecho de introdução da música “A vida é um Desafio” dos Racionais Mc’s:

Tem que acreditar. Desde cedo a mãe da gente fala assim: “Filho! por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor”. Aí passado alguns anos eu pensei, “Como fazer duas vezes melhor, se você está pelo menos 100 vezes atrasado? Atrasado pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses, enfim, por tudo que aconteceu, duas vezes melhor, como?” (A vida..., 2003).

Ainda na obra de Neusa Santos (2021), a autora complementa que a tentativa de ser o melhor, como certa forma compensatória, não garante êxito no alcance desse ideal branco, na medida que as pessoas negras continuam sujeitas a essa estrutura social que as desvaloriza em diferentes níveis.

Outro aspecto percebido nas falas das integrantes do coletivo, considerado como constituinte da experiência de ser um/a artista negro/a, diz respeito à forma em que suas narrativas

artísticas são reduzidas e estereotipadas. As participantes relatam que a pluralidade das temáticas retratadas por elas é ignorada e invisibilizada pelo circuito de arte, portanto não exercem a liberdade para transitar por diferentes temáticas e/ou materiais.

[...] Pra gente eles cobram que tu fale ou ‘racismo, racismo, racismo!’ ou que tu não fale nada, mas eles (se referindo à artistas brancos) tão sempre tão livres (Laura Fernandes, entrevista, nov. 2021)¹⁰.

Marcas psicológicas e emocionais do racismo na trajetória de artistas negros/as

O racismo como um fenômeno complexo de dimensões sociais, políticas e econômicas, também afeta negativamente a vida dessas pessoas em níveis não só institucionais, mas subjetivos. Para Maria Lúcia Silva (2004), atributos negativos direcionados a homens e mulheres negras ao longo de suas vidas, podem ser internalizados e promover autopercepções distorcidas.

Nas falas dos membros do coletivo são percebidas questões emocionais como insegurança, sentimento de culpa e dificuldade de autoafirmação enquanto artistas negros/as, principalmente entre outros ambientes fora do coletivo:

Artista é uma palavra muito pesada... consigo dizer que nós somos artistas, mas agora ‘Eu sou artista!’, acho muito complicado (Gabriela Monteiro, entrevista, nov. 2021)¹¹.

Sobre essa **parada** de se levar a sério, tipo, de se reconhecer como artistas, isso demorou muito tempo, muito tempo [...] (Bruno Pedroso, entrevista, nov. 2021)¹².

Tendo em vista o fato de que, coletivamente, características negativas são direcionadas a homens e mulheres negras desde o período colonial (Veiga, 2019), se faz compreensível que pessoas negras tenham dificuldade de abandonar autopercepções desvalorizantes para construir percepções positivas sobre si mesmas.

Além das questões de insegurança que permeiam a dificuldade de autoafirmação observada nos trechos anteriores, algumas narrativas relatam sobre a culpa sentida ao alcançarem determinados espaços sociais ou/e a sensação de não merecimento de suas conquistas:

¹⁰ Entrevista concedida por FERNANDES, Laura. Entrevista. [nov. 2019]. Entrevistador: Fernanda Monteiro. Belém, 2021. arquivo.

¹¹ Entrevista concedida por MONTEIRO, Gabriela. Entrevista. [nov. 2019]. Entrevistador: Fernanda Monteiro. Belém, 2021. arquivo.

¹² Entrevista concedida por PEDROSO, Bruno. Entrevista. [nov. 2019]. Entrevistador: Fernanda Monteiro. Belém, 2021. arquivo.

Tem o *rolê* da culpa, tipo tu se sentir culpado por tu receber alguma coisa, por tu tá ocupando algum espaço [...] (Marcelo Santos, entrevista, nov. 2021)¹³.

A gente passa, faz o ENEM, faz tudo, tá num espaço dito branco, e aí porque a gente se sente culpado por isso? É porque mais uma vez quando a gente se desperta daquele olhar que a branquitude nos colocou, quando eu saio disso, quando eu furo essa bolha, e que eu vejo que eu posso mas não tem tantos, eu me sinto culpado (Bruno Pedroso, entrevista, nov. 2021)¹⁴.

Relacionando aos aspectos das falas anteriores, para Lucas Veiga (2019) a culpa é um dos efeitos dos abusos do racismo nos corpos e subjetividades de pessoas negras. Ele afirma que a culpa e o auto ódio permeiam a experiência de elaboração do trauma pela vítima do racismo, a qual pode por vezes se sentir responsável pelo ocorrido, semelhante ao que acontece em outros tipos de violência. Complementando tal reflexão, o autor indica que a dinâmica instaurada pelo racismo além de implicar na introjeção de sentimentos complexos como o da culpa pela condição em que se encontram; também impulsiona que homens e mulheres negras se sintam constantemente inferiores e falhos.

As artes e as movimentações de artistas negras/os

Por isso, a necessidade da criação e do resgate das imagens onde pessoas negras estejam representadas em suas múltiplas possibilidades e potencialidades. Deste modo, neste trabalho, consideramos a arte como um desses possíveis caminhos à construção de novas narrativas visuais à população negra. Intelectuais como Abdias Nascimento (1978) e Kabengele Munanga (2019), em seus textos e pesquisas, já abordaram a questão da arte afro-brasileira. Criando um diálogo entre esses dois autores, ambos trazem o fato da resistência africana em território brasileiro através das artes: mesmo diante da violência física e espiritual sofrida com a escravidão, houve a permanência das manifestações artísticas. Para esses autores, a arte e a cultura dos africanos e africanas permaneceram pela força de seus significados e a forte ligação com a religiosidade dos cultos africanos.

¹³ Entrevista concedida por SANTOS, Marcelo. Entrevista. [nov. 2019]. Entrevistador: Fernanda Monteiro. Belém, 2021. arquivo.

¹⁴ Entrevista concedida por PEDROSO, Bruno. Entrevista. [nov. 2019]. Entrevistador: Fernanda Monteiro. Belém, 2021. arquivo.

Atualmente pesquisadores e pesquisadoras, artistas negros e negras estão se debruçando sobre a questão da arte negra no Brasil. Dentre essas pesquisas podemos citar Renata Aparecida Felinto dos Santos (2016), Hélio Santos Menezes Neto (2018), Janaína Barros Silva Viana (2008) e Igor Simões (2019), que exploram o lugar dessas produções de arte pelos corpos de pessoas negras. No Pará, que é onde o Coletivo Ilustra Pretice está situado, pesquisadoras e artistas como Bruno Pedroso (2019) e Ceci Bandeira (2020) também possuem interesse na discussão sobre a questão de artistas negros e negras.

Essas pesquisas são essenciais na construção deste trabalho, visto que oferecem subsídios e caminhos, pois estão relacionadas com a temática e os objetivos da pesquisa realizada e aqui apresentada. A história do povo preto é muito rica e importante em diversos aspectos, pois quando pensamos a história do povo africano para além da escravidão são inúmeras contribuições culturais, artísticas, intelectuais e tecnológicas para o mundo.

O povo preto em diáspora mesmo diante das mazelas da escravidão também seguiu elaborando formas de resistência e emancipação nesses novos lugares para onde foram forçados a se deslocarem, e essas chamadas de resistência, organização, inteligência e criatividade de se reerguer ainda estão acesas até hoje nos herdeiros e herdeiras de Ananse (Amador, 2008).

Os quilombos são um grande exemplo dessas práticas de emancipação e resistência. A historiadora Beatriz Nascimento (1985) aponta os quilombos como um marco na história do povo preto no Brasil, pois para a autora o quilombo é encarado como uma instituição africana, um sistema social alternativo, demonstrando a capacidade de resistência e organização da população negra.

A arte produzida pelo povo negro no Brasil também fazia parte das discussões realizadas pela antropóloga e ativista do Movimento Negro Lélia Gonzalez (1976), que em seu programa de curso de Cultura Negra trazia o tópico "Expressividade negra e Artes Plásticas". Lélia atuou como professora de antropologia na Escola de Artes Visuais (EAV), onde ministrou o primeiro Curso de Cultura Negra no Brasil, que tinha como objetivo "analisar as instituições e os valores culturais negros, assim como sua presença na formação cultural brasileira" (Carneiro, 2014, p. 56). A ementa do curso contava com os seguintes tópicos "O problema da unicidade de uma cultura negra", "A religião enquanto simbolismo cultural dominante (candomblé, umbanda)", "O negro na literatura", "Expressividade negra e artes plásticas", "Samba, carnaval e futebol ou os fardos da cor", "Contrastes e confrontos", demonstrando assim a importância das produções visuais da população

negra como uma importante possibilidade de adentrar e compreender o universo cultural da negritude.

Neste sentido de pensar a movimentação do povo negro e as artes, podemos destacar a atuação do Teatro Negro que emergiu em 1880, “com teor abolicionista promovendo espetáculos cuja renda seria revertida para a alforria. Apesar de ainda não romper com a estética do teatro ocidental, os temas trabalhados eram de interesse aos negros” (Njeri, 2020, p. 206), assim como o Teatro Experimental do Negro (TEN), idealizado por Abdias Nascimento em 1944:

Por que um branco brochado de negro? Pela inexistência de um intérprete dessa raça? Entretanto, lembrava que, em meu país, onde mais de vinte milhões de negros somavam a quase metade de sua população de sessenta milhões de habitantes, na época, jamais assistira a um espetáculo cujo papel principal tivesse sido representado por um artista da minha cor. Não seria, então, o Brasil, uma verdadeira democracia racial? Minhas indagações avançaram mais longe: na minha pátria, tão orgulhosa de haver resolvido exemplarmente a convivência entre pretos e brancos, deveria ser normal a presença do negro em cena, não só em papéis secundários e grotescos, conforme acontecia, mas encarnando qualquer personagem – Hamlet ou Antígona – desde que possuísse o talento requerido. Ocorria de fato o inverso: até mesmo um Imperador Jones, se levado aos palcos brasileiros teria necessariamente o desempenho de um ator branco caiado de preto, a exemplo do que sucedia desde sempre com as encenações de Otelo. Mesmo em peças nativas, tipo O demônio familiar (1857), de José de Alencar, ou Iaiá boneca (1939), de Ernani Fornari, em papéis destinados especificamente a atores negros se teve como norma a exclusão do negro autêntico em favor do negro caricatural. Brochava-se de negro um ator ou atriz branca quando o papel contivesse certo destaque cênico ou alguma qualificação dramática. Intérprete negro só se utilizava para imprimir certa cor local ao cenário, em papéis ridículos, brejeiros e de conotações pejorativas (Nascimento, 2004, p. 209).

Desta forma, o TEN (figura 3) foi criado para dar outro sentido para a existência negra, construir outro olhar, outra narrativa e forma de ser e estar no mundo: não teria mais um branco brochado de preto para representar os negros, seria o próprio povo preto protagonizando as suas narrativas. É um trabalho pela valorização do negro através da educação, da cultura e da arte (Nascimento, 2004).

Figura 3 - Integrantes do Teatro Experimental do Negro, elenco da peça “O filho pródigo” de Lúcio Cardoso (1947)



Fonte: IPEAFRO.

Atualmente, ainda existem muitas formas de movimentos de pessoas negras lutando pela emancipação e liberdade, criando redes para combater o racismo e construir um mundo melhor para a população negra. O Coletivo Ilustra Pretice está inserido naquilo que Nilma Lino Gomes (2017) nos diz sobre as propostas atuais de movimento negro, que é plural e atua em variados campos da sociedade. Por isso, neste trabalho, as imagens da população negra e a forma como elas são construídas e recebidas na sociedade possuem um papel central. O movimento negro e suas mais diversas formas de atuação pelos livros, músicas, danças e artes visuais ao longo dos anos vem reivindicando e desenvolvendo estratégias para o fortalecimento e valorização da história, cultura e identidade negra (Gomes, 2017).

Njeri, quando nos diz a respeito da realidade vivenciada pela população negra no Brasil, nos fala sobre o Monstro Genocídio e seus múltiplos tentáculos que atingem todo o povo negro em sua diversidade:

Compreendendo, portanto, a heterogeneidade desse povo, o Monstro desenvolve tentáculos específicos para cada particularidade presente nessa diversidade negra, criando braços genocidas que miram em crianças, adultos e idosos, mulheres e homens, pessoas LGBTQI+, moradores de ruas e de favelas, pobres e miseráveis, acadêmicos, praticantes de espiritualidades de matriz africana, traficantes e

policiais etc. Significa afirmar que há tentáculos para todos os negros sob a égide do Ocidente. Há negros com mais de um tentáculo sobre seus corpos, e, principalmente, esse ataque genocida não é apenas físico, mas também psicológico, espiritual, ontológico, semiótico, nutricional e epistêmico (Nierj, 2020, p. 179).

Essa desorganização das engrenagens sociais causa diversos problemas, atingindo a população negra com esses diversos tentáculos que nos fala a autora, e que podem ser exemplificados com a violência policial, o encarceramento em massa, a má nutrição de pessoas negras, a desvalorização das produções culturais, artísticas e intelectuais do povo preto, enfim, a desvalorização do ser negro por completo, por um sistema desorganizado e violento dominado pela população branca. Vale destacar o fato do Brasil ser um país culturalmente africanizado como aborda Lélia Gonzalez (1984), pois traz a influência das línguas africanas na formação de nossa linguagem, ou o que chama de pretuguês:

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí fora. Não sacam que tão falando pretuguês (Gonzalez, 1984, p. 238).

A autora considera que a influência africana em nossa sociedade é inegável, porém é evidente que a sistemática atua no sentido de aniquilamento dessas contribuições, pois como aponta Ramos (1995) o país almeja a brancura. A exemplo disso, podemos citar muitas imagens na grande mídia, obras de arte, propagandas, filmes, novelas e séries que influenciam diretamente o imaginário social e encontramos nessas imagens diversos estereótipos racistas sendo reproduzidos sobre os corpos negros. Souza aponta que essas figuras representativas caracterizam o que ela denomina como o mito negro:

O irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico são as principais figuras representativas do mito negro. Cada uma delas se expressa através de falas características, portadoras de uma mensagem ideológica que busca afirmar a linearidade da "natureza negra" enquanto rejeita a contradição, a política e a história em suas múltiplas determinações (Souza, 2021, p. 57).

É possível constatar que a experiência colonial com a escravidão e uma série de outras violências consecutivas trabalhou no sentido de destruição da humanidade negra em seus mais variados aspectos e expressões. Conforme aborda a psicanalista Neusa Santos Souza (2021), o corpo negro não pode simplesmente "ser" em sua plenitude. Ela constata em suas análises o estado de

alarme o qual a população negra se encontra diariamente: “A espontaneidade lhe é um direito negado” (Souza, 2021, p. 57). Desta forma, um dos desafios do povo negro é construir uma forma de ser, viver e estar no mundo no qual o corpo negro possa simplesmente ser em sua plenitude, pluralidade e complexidade.

Tendo em vista que o racismo é sobre o predomínio do poder econômico, cultural e político de um grupo sobre outro, a população branca busca criar mecanismos para manter a população negra em um eterno lugar da subalternidade e obediência passiva ao sistema racista, como aponta Moore:

Basicamente, postulamos que o racismo não é uma simples tecedura de preconceitos aberrantes, nenhuma fabulação ideológica descartável, tampouco uma realidade oportunista surgida a pouco. Nossa hipótese de base é que se trata de uma forma de consciência/estrutura de origem histórica, que desempenharia funções multiformes, totalmente benéficas para o grupo, que, por meio dela constroi e mantém o poder hegemônico em relação ao restante da sociedade. Tal grupo instrumentaliza o racismo institucionalmente e por meio do imaginário social para organizar uma teia de práticas de exclusão que lhe garante um acesso monopólico aos recursos da sociedade. Desse modo, preserva e amplia os privilégios sociais, o poder político e a supremacia total, adquiridos historicamente e transferidos de geração a geração (Moore, 2015, p. 405-406).

Sendo assim, pensar organizações e coletivos protagonizados por negros e negras como o Ilustra Pretice é uma afronta à forma como as coisas estão postas. Não é vantagem para a branquidade racista que pessoas negras estejam pautando o racismo. E com base nas proposições de Njeri (2020) e Amador de Deus (2008) podemos falar sobre o mito da democracia racial, por exemplo, como um desses tentáculos do racismo utilizados para confundir e desmobilizar as organizações e mobilizações dos herdeiros e herdeiras de Ananse na luta contra o racismo.

A organização é necessária à emancipação. Kwame Ture, em diálogo com Molefi Kete Asante, em vídeo publicado no canal OSH1 Autoimagem (2017), fala sobre a importância de as pessoas pretas estarem em organizações e que qualquer organização é melhor do que nenhuma organização. Molefi Kete Asante aponta também a necessidade de pessoas negras estarem em organizações que conversem se orientem e dialoguem com as demandas do povo preto. O Coletivo Ilustra Pretice é um lugar onde há possibilidade de adentrar no mundo das imagens que pretos e pretas elaboram na Diáspora Africana. É a reinvenção do ser negro, o afroafeto na prática. É a sensibilidade negra que se materializa em poéticas artísticas plurais. É o quilombo artístico que pulsa na Amazônia paraense.

Considerações finais

O percurso deste trabalho fez-se por trilhas textuais, nas quais navegamos por rios teóricos, metodológicos e conceituais e, sobretudo, no que diz respeito às construções analíticas das epistemologias produzidas por negros e negras ao redor do mundo. Nesse traslado, compreendemos a importância de combater o epistemicídio que segue em voga trabalhando no sentido de aniquilação dos saberes de grupos subalternizados por uma sistemática branca e racista que insiste em negar a existência de possibilidades de conhecimentos gerados a partir de outras matrizes étnico-raciais e culturais.

Além disso, consideramos que cada palavra explícita durante a construção da amarração textual foi guiada pela deusa Aranã. Desta forma, este texto é como uma dessas teias deixadas pelas herdeiras/os de Ananse, tendo em vista que seguimos com o princípio de kuumba: compromissados em utilizar da criatividade, com o intuito de deixar sempre o melhor à comunidade.

Para tanto, discutimos a respeito da imagem e representação da população negra, com o enfoque nas questões que envolvem os estereótipos e a forma com a qual segue influenciando a maneira como as pessoas negras são vistas e tratadas diariamente, pensando justamente no construto racista dessas narrativas imagéticas seus impactos diretos na saúde psicológica e física da população negra.

As experiências caracterizadas pelos participantes do coletivo como constituintes de ser uma pessoa negra e artista em Belém foram norteadas por aspectos que extrapolam questões pessoais e individuais, e se estendem para uma discussão estrutural do racismo e como ele interfere direta e indiretamente as vivências ouvidas. As artistas relatam que seus trabalhos, bem como suas afirmações como artistas, são constantemente desvalorizados, invisibilizados, estereotipados, e que não conseguem acessar a espaços artísticos considerados de prestígio no circuito local, diferente do que ocorre com artistas brancos. Tal dificuldade de acesso foi percebida também em um âmbito nacional, em estudos como o de Renata Santos (2016).

Notou-se, ainda, que os aspectos políticos, sociais e simbólicos de desvalorização, estereotipação e exclusão apontados como constituintes da experiência de ser artista negro/a foram refletidos na maneira como as participantes constroem percepções sobre si e sobre seus próprios trabalhos. Foram relatados elementos com a insegurança em relação à qualidade de suas

obras e de se afirmarem como artistas em outros ambientes fora do coletivo. Além de se sentirem inseguras, elas mencionam sentirem-se culpadas ao alcançar determinados espaços sociais ou/e a sensação de não merecimento de suas conquistas. Para Maria Lúcia (2004), o racismo tem efeito direto na construção de autoconceitos negativos e desvalorizantes, provocando também rebaixamento na autoestima das vítimas, o que pode ser fator relacional com os aspectos relatados pelos integrantes. Complementando tal pensamento, para Lucas Veiga (2019), a culpa é apenas um dos efeitos dos abusos do racismo nos corpos e subjetividades de pessoas negras.

Assim, afirmamos a necessidade de um olhar que compreenda a existência negra em sua complexidade, ou seja, reconhecendo as múltiplas possibilidades que envolvem ser uma pessoa negra no mundo, onde os corpos pretos não estão em uma caixa pré-moldada por uma visão racista que insiste em aprisionar a existência negra em um modelo único de ser, pois é preciso quebrar as estruturas que insistem na visão essencialista e redutora da população negra.

Com isso, evidenciamos o Coletivo Ilustra Pretice PA como um espaço negro repleto de artevivência, acolhimento, saberes, criação, cuidado e de resistência da população negra na Amazônia paraense, que é repleta de lutas e resistências históricas. São os herdeiros e herdeiras de Ananse em constante movimento. As/os artistas presentes no coletivo demonstram a criatividade negra em suas mais variadas formas de produção, seja pelas distintas questões levantadas seja pelas técnicas abordadas por cada um. Dialogar com as obras, analisando e interpretando pelas suas poéticas e políticas presentes nas imagens, nos permite a compreensão da extensa dimensão da criatividade negra no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

A VIDA é um desafio. Intérprete: Racionais MC's. Compositor: Adivaldo Pereira Alves; Cristian De Souza Augusto. In: NADA Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1 & 2. Intérprete: Racionais MC's. São Paulo: Cosa Nostra, 2003. CD, 10.

AMADOR DE DEUS, Zélia. **Os herdeiros de Ananse: movimento negro, ações afirmativas, cota para negros na universidade**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2008.

ALMEIDA, Sílvia Luiz de. Raça e Racismo. In: ALMEIDA, Sílvia Luiz de (org). **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019. p. 24-57.

BANDEIRA, Maria Ceci Leal. **A atriz da diáspora**: um estudo sobre a poética-política de Zélia Amador de Deus. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Artes. Belém, 2020.

BARRAL, O. T. Festas Pretas: uma autoetnografia sobre a sociabilidade e identificações da juventude negra em Belém do Pará. In: **enecult encontro de estudos multidisciplinares em cultura**, 15, Bahia, 2019. Anais... Bahia: enecult, 2019. n.p. Disponível: <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111712.pdf>> Acesso em: 28 de out. de 2019.

BATISTA, P. C. O quilombismo em espaços urbanos: 130 após a abolição. **Revista Extraprensa**. São Paulo, v. 12, p. 377-396, 2019.

CALDAS, Emerson Silva. **Kuumba e artevivência de artistas negros e negras**: um estudo afrocentrado a partir do Coletivo Ilustra Pretice/PA. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Lélia Gonzalez**: o feminismo negro no palco da história. Brasília: Abravídeo, 2014.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 154 p.

GONZALEZ, Lélia. **Ementa do curso de Cultura Negra no Brasil**. Rio de Janeiro: Escola de Artes Visuais (EAV), 1976.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Estudos Sociais Hoje**, Brasília: ANPOCS, p. 223-244, 1984.

HOOKS, bell. **Escrever além da raça: teoria e prática**. Tradução de Jesus Oliveira. São Paulo: Elefante, 2022.

MELO, Maria Cristina de Santana. **Trajetórias Ausentes**: Considerações sobre a invisibilização dos /as artistas plásticos/as negros/as no Recôncavo da Bahia. 2016. Relatório final – Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia Salvador, 2016.

MENEZES NETO, Hélio Santos. **Entre o visível e o oculto**: a construção do conceito de arte afro-brasileira. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 2018. 234 p.

MOORE, Carlos Wedderburn. **Para uma nova interpretação do racismo e de seu papel estruturante na história**. In: D'ADESKY, Jacques; SOUZA, Marcos Teixeira de. (org.). Afro-Brasil: debates e pensamentos. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2015.

MONTEIRO, Fernanda. **“Ainda bem que a gente tem a gente”**: a participação no coletivo Ilustra Pretice-Pa como estratégia de saúde mental para artistas negros/as. Belém, 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Psicologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

NASCIMENTO, Abdias. Arte afro-MUNANGA, Kabengele. Arte afro-brasileira: o que é afinal? **PARALAXE**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 5-23, dez. 2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/paralaxe/article/view/46601>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **Arte afro-brasileira**: um espírito libertador. In: NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro. Rio de Janeiro: Editora paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol.18 n. 50, p. 209-224, São Paulo, Jan./Apr. 2004

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **AFRODIÁSPORA**. Ano 3, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

NASCIMENTO, M. B. **Quilombola e intelectual**: possibilidade nos dias de destruição. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

NJERI, Aza. Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra. **Ítaca. Especial Filosofia Africana**. n.º 36. Rio de Janeiro, UFRJ, 2020. p. 164-226. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/31895>>. Acesso em: 29 jun. 2021.

OSH1 Autoimagem. **Kwame Ture e Molefi Asante** - Pan Africanismo e Afrocentricidade (A África e o Futuro). Youtube, 01 de out. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MTrvlbOd-sY>. Acesso em: 11 mai. 2021.

PEDROSO, Bruno Farias. **Relato de artista e poéticas negras no ensino de Artes Visuais no Pará**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) - Universidade Federal do Pará. Belém, 2019.

PIZA, Mariana Vassallo. **O fenômeno Instagram**: considerações sob a perspectiva tecnológica. 2012. 48 f. Monografia (Graduação). Bacharelado em Ciências Sociais – Sociologia, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 2012.

PRUDENTE, Celso. **Mãos negras**: antropologia da arte negra. São Paulo: Editora Panorama, 2002.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995. 292 p.

ROSHANI, Niousha. **Discurso de ódio e ativismo digital antirracismo de jovens afrodescendentes no Brasil e Colômbia**. In: SILVA, Tarcízio. Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos. Organização e Edição: Tarcízio Silva; Revisão Ortográfica: Toni C.; Demétrios dos Santos Ferreira; Tarcízio Silva; Gabriela Porfírio; Taís Oliveira; Tradução: Vinícius Silva; Tarcízio Silva; Ilustração de Capa: Isabella Bispo; Diagramação: Yuri Amaral; Consultoria Editorial: LiteraRUA – São Paulo, 2020.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. **A construção da identidade afrodescendente por meio das artes visuais contemporâneas**: estudos de produções e de poéticas. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes São Paulo. São Paulo, 2016.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto. A pálida História das Artes Visuais no Brasil: onde estamos negras e negros? **Revista GEARTE**, Porto Alegre, RS, v. 6, n. 2, jul. 2019. ISSN 2357-9854. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/94288>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

SANTOS, J. S. **Museus e Memórias Afro-Diaspóricas**: Itinerários Na Museologia Brasileira. In: Congresso Sergipano de História & Encontro Estadual de História da ANPUH/SE, 5, 2016, Sergipe. Anais [...], 2016. Disponível em: <http://www.encontro2016.se.anpuh.org/resources/anais/53/1486576319_ARQUIVO_capitulo1jacmreferencia.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

SILVA, M. L. Racismo e os efeitos na saúde mental. In: BATISTA, L. E.; KALCKMANN, S. (Org.). **Seminário Saúde da População Negra Estado de São Paulo 2004**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2005. p. 129-132.

SIMÕES, Igor Moraes. **Montagem Fílmica e Exposição: Vozes Negras no Cubo Branco da Arte Brasileira**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

SOUTO, S. É tempo de aquilombar: da tecnologia ancestral à produção cultural contemporânea. **Pol. Cult. Rev.**, Salvador, v. 14, n. 2, p. 142-159, 2021.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. Fractal: **Revista de Psicologia - Dossiê Psicologia e epistemologias contra-hegemônicas**, Niterói, v. 31, n. esp., p. 244-248, set. 2019. https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000.

VIANA, Janaina Barros Silva. **Uma possível arte afro-brasileira: corporeidade e ancestralidade em quatro poéticas**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2008.